

A DIALÉTICA COMO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO DAS FORMAS DA CONSCIÊNCIA SEGUNDO ÁLVARO VIEIRA PINTO

Joel Francisco Decothé Junior¹

Breno Augusto da Costa²

Resumo: Neste artigo, examinamos a compreensão de dialética proposta pelo filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) e investigamos suas relações com a prática científica. Calcado no pensamento materialista, ele propõe que a dialética é a ciência do movimento do real e, ao mesmo tempo, a expressão conceitual da dialética que move a realidade. Apresentaremos as reflexões do autor sobre a relação entre dialética e ciência e a relação entre consciência ingênua e consciência crítica e a realidade material. Nas reflexões do filósofo, a noção de trabalho ganha destaque, pois é através dela que o ser humano tanto transforma o mundo quanto transforma seu próprio ser, adquirindo as ideias através da qual poderá, ato contínuo, alterar novamente a realidade.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto; Lógica dialética; Filosofia da ciência; Pensamento crítico.

DIALECTICS AS THE ONTOLOGICAL FOUNDATION OF FORMS OF CONSCIOUSNESS ACCORDING TO ÁLVARO VIEIRA PINTO

Abstract: In this article, we examine the understanding of dialectics proposed by the Brazilian philosopher Álvaro Vieira Pinto (1909–1987) and investigate its relations with scientific practice. Grounded in materialist thought, he proposes that dialectics is the science of the movement of the real and, at the same time, the conceptual expression of the dialectic that drives reality. We will present the author's reflections on the relationship between dialectics and science, as well as the relationship between naïve consciousness and critical consciousness and material reality. In the philosopher's reflections, the notion of labour gains prominence, for it is through labour that human beings both transform the world and transform their own being, acquiring the ideas through which they can, continuously, alter reality once again.

Keywords: Álvaro Vieira Pinto; Dialectical logic; Philosophy of science; Critical thinking.

1. A dialética como fonte imanente de construção da ontologia filosófica

¹ Pós-Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail para contato: joeldecothe@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0275983961321105>. <https://orcid.org/0000-0002-9499-1233>

² Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tem se dedicado à investigação da história da filosofia latino-americana e brasileira, notadamente das obras de Álvaro Vieira Pinto e Enrique Dussel, bem como à reflexão sobre filosofia do desenvolvimento, geopolítica e filosofia da libertação. E-mail para contato: brenobac@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1891065039881854>. <https://orcid.org/0000-0002-9251-9533>

O pensamento filosófico de Vieira Pinto é atravessado pelo aporte metodológico da dialética. Em seus escritos ele estabelece a compreensão de que a dialética como metodologia de trabalho filosófico, se ergue na condição de ser o modo de filosofar sobre a totalidade que opera nas esferas da ontologia e epistemologia. A dialética tem uma estrutura que desvenda os modos de ser do real. Em outras palavras, temos mais precisão ontológica quando abordarmos o real de forma objetiva, o que ocorre ao adotarmos a dialética como método de produção de nossa ontologia. É certo que a metodologia dialética marxiana marcou o aprofundamento do trabalho filosófico de Vieira Pinto, muito embora ele próprio tenha formulado seus aportes ao campo³. Esse modelo de dialética fundou toda uma tradição metodológica chamada de materialismo dialético, que se opôs a chamada dialética idealista hegeliana. A dialética materialista marxiana foi sempre entendida na constelação de seus representantes intelectuais como o resultado de uma nova interpretação do método da dialética de Hegel; todavia, salta aos olhos em primeiro lugar a dialética de sujeito-objeto presente na *Fenomenologia do Espírito* – assim como nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844 de Marx, “ora presente na dialética da Lógica hegeliana – assim, sobretudo no *Capital* -, ora a dialética desenvolvida na filosofia da natureza de Hegel, como na *Dialética da Natureza de Engels*”⁴. Sendo assim, a dialética se apresenta como ferramenta de captação da mobilidade do real, tornando-se, conforme apresenta Vieira Pinto, a ciência da mobilidade do real⁵.

Na perspectiva vieirista de ontologia, a noção de dialética surge como um o desdobramento lógico que desvela o que vem a ser o movimento da realidade imanente. É pela via da operação da dialética que podemos elucidativamente abordar os significados das mutações que acontecem na esfera da própria natureza. A concepção dialético-ontológica de Vieira Pinto demonstra que a realidade existente tem de ser compreendida de modo reflexivo, tendo em vista que é pela apreensão propiciada pelo método da dialética que os movimentos totalizadores de suas leis universais sejam estabelecidos pelo pensamento crítico-filosófico na

³ Vide, por exemplo, o conceito de metacontradição, proposto por ele em *Consciência e realidade nacional* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b). Em face da multiplicidade de contradições do real de sua articulação, por vezes os seres humanos ou as coletividades podem se empenhar em determinadas posturas que, ao invés de reforçar uma dada estruturação de poder, são contraditórias entre si.

⁴ RÖD, Wolfgang. *Filosofia dialética moderna*. (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984), 215.

⁵ VIEIRA PINTO, Álvaro, *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2020^a).

esfera da vida da consciência. Para tanto, o filósofo fluminense sustenta que a fundamentação ontológica da metodológica de ordem dialética é útil para a formação das novas gerações de cientistas. Isso é algo que requer uma formação mais abrangente, crítica e que inclua o ensino filosófico da ontologia dialética no universo das metodologias das ciências particulares. A compreensão deste tipo de modelo educacional, segundo Vieira Pinto, aponta para o dado de que a condição de desdobramento do percurso cultural no que se refere às visões de mundo que determinam e orientam pesquisa científica, se reverte na representação de que em cada momento o que temos é a “transformação qualitativa, a passagem da atitude formalista e metafísica de pensar a realidade para a fase em que se evidencia a conveniência de aceitar e desenvolver as concepções dialéticas aplicadas à ciência e à investigação do mundo”⁶. Aqui podemos observar como a dialética é encarada por Vieira Pinto como marco teórico-prático da imanência de construção da ontologia filosófica da dialética que pode impactar nas formas de consciência das possibilidades da pesquisa científica em diversas áreas dos saberes humano.

Desta forma, não é somente a ontologia que fica determinada pela metodologia dialética: ato contínuo, esta questão se desdobra para o campo da epistemologia. E, no que tange à estrutura da totalidade ontológica, essa acaba sendo a expressão universal do real, e da confluência das leis que marcam o movimento na densidade da imanência da matéria. Tais situações acabam determinando a formação de todos os fenômenos e dos entes, copulando-os a uma espécie de abertura para o real de forma absoluta. Nesta direção é que para Vieira Pinto cabe a tarefa da consciência crítica de se ponderar a respeito dos modos de ser e agir da ciência. Nesse sentido, a noção de método está inserida em um amplo campo de debates. No caso, o pensamento vieirista faz o seu aporte ontológico como o contributo que tem como base a força da dialética materialista.

Esta forma de pensar nos oferece a devida fundamentação conceitual que possibilita a compreensão não meramente formal da metodologia do fazer científico, mas inserida na perspectiva imanente da dialética. A efetivação da metodologia ontológica da filosofia como dialética aplicada, podemos desde o pensamento de Vieira Pinto, elucidar a própria estrutura daquilo que vem a ser ciência e práxis na pesquisa científica. Segundo o

⁶ VIEIRA PINTO, Álvaro, *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2020a) 67.

Joel Francisco Decothé Junior / Breno Augusto da Costa

pensamento do autor, existem três esferas que implicam a realidade desta problemática: (i) a teoria do conhecimento; (ii) a lógica; (iii) a epistemologia científica.

Na esfera da teoria do conhecimento, o ato da investigação das origens, fundamentação organizativa e justificação válida das ideias, faz referência e estão direcionadas as coisas como elas efetivamente se mostram realmente. No caso da lógica, o interesse de estudo se orienta pela forma e operacionalidade dos momentos conforme os quais as concepções conceituais se relacionam umas com as outras, pela via dos estados de coisas mentais. Por fim, temos a epistemologia, que faz consideração da ciência como ação efetivamente concreta em suas frações particulares, pois trata de seus resultados e problematiza as suas fontes fundantes, esquadrinhando sistematicamente as correlações existentes com os diversos campos de saberes do mundo das ciências ao examinar as mais relevantes produções de seus empregos metodológicos específicos na vida material.

Para Vieira Pinto, o método de pesquisa da lógica dialética consegue oferecer uma potencialidade de alcance do objeto da pesquisa científica que eleva as condições de desvelamento do real com maior densidade, isso em razão de demonstrar com melhores condições as contradições que acabam determinando o seu substrato. Aqui o que se tem em mente é o processo ativo dos fenômenos que ocupam espaço na natureza e que se constituem como sendo a causa da pluralidade dos seres, pois tais contradições, para Vieira Pinto, “aparecem entranhadas nos conceitos que referem subjetivamente os dados da realidade”⁷. No pensamento do autor, a dialética detém a força da lei que se enverga de modo absoluto para o campo da universalidade, sendo tal postura o desencadear da unidade do real. Se o real não ostenta essa unidade, logo se segue o triunfo da divisibilidade que reside em uma série de setores que não se correlacionam comunicativamente, instaurando assim uma aporia intrinsecamente repleta de dilemas.

Ainda de acordo com Vieira Pinto, se a unidade do real se confirma, a fundamentação de tal asserção se sustenta pela validade das normas legais de uma maneira incondicional, isto é, as leis são devedoras do absoluto. Mesmo que a possibilidade de se alcançar as leis válidas seja marcada pelo processo de conhecimento das leis relativas, os predicados absolutos permanecem em seu fundamento. Desta forma, o patenteamento da via

⁷ VIEIRA PINTO, Álvaro, *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, 53.

dialética de constituição da ciência, tendo em vista que está em determinado momento, após estabelecer o dado das leis relativas copuladas a certo campo epistêmico, somente prossegue com o ato de examinar, pelo modo da negação dialética destas e por meio da verificação da universalidade dos elementos negados na esfera dos casos particulares, sendo este movimento o que oportuniza a compreensão das leis absolutas que contradizem, superam e elucidam as leis que são mitigadas e relativas a cada esfera do real. Para Vieira Pinto, o fator da contradição reside na percepção reconhecível de que a contradição age no núcleo do conhecimento que é o produto atingido pela via negativa do traço marcante da negação da própria contradição. Esta circunstância é atribuída de maneira formal ao que Vieira Pinto denota como a conexão com os saberes empíricos e científicos basilares. Logo, tal espécie de “proposição implica que a afirmativa de existência da contradição no amago de todo conhecimento não é a lei particular a algum campo da realidade, mas se refere à totalidade do real, e por isso constitui uma das leis da dialética”⁸.

2. A concepção antropológica da ontologia filosófica materialista da dialética

A posição ontológico-materialista de Vieira Pinto sobre a metodologia dialética culmina em uma antropologia filosófica, já que o autor esboça uma concepção do que vem a ser o ser humano e como ele se constitui historicamente. No pensamento vieirista, o ser humano é o vivente que detém a predicado da racionalidade, desenvolvida ao longo das jornadas histórico-evolutivas da matéria viva. Esta condição de ser racional possibilita que ele produza saberes, ainda que tal ação se especifique nos variados procedimentos segmentados da vida em sociedade ou em diferentes ciências particulares, por exemplo. Diante do imperativo imanente da racionalidade vigente, o humano se orienta ao fato de soerguer uma estruturação esquemática de elucidação abrangente dos elementos particulares que vai identificando no mundo da vida. O ponto de partida antropológico-materialista em termos de ontologia dialética se ocupa em realizar a sua reflexão desde a noção de totalidade da realidade.

⁸ VIEIRA PINTO, Álvaro, *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, 211.

O resultado dialético deste modo de pensar, segundo Viera Pinto, culmina, ainda, em outra forma de saber, o filosófico: o “que busca explicar e coordenar racionalmente todos os aspectos do mundo é o que se chama uma filosofia”⁹. Dando continuidade a tal análise, vê-se que o percurso da razão investigadora percorre tanto o caminho de apreensão das mais particulares minudências ontológicas, copuladas às leis das ações das partículas ocultas que a constituem quanto, por outro lado, o caminho de construção das fusões e sínteses mais abrangentes e arrojadas possíveis. A partir disto é que as filosofias têm de assumir a tarefa de elucidar de forma equiparada e lógica a relação entre o todo e as partes, e como acontecem as correlações entre ambas as esferas. Na visão vieirista, temos assim a presença e o significado da tensão entre os contrários e a sua própria unidade.

Conforme Vieira Pinto, à medida em que conhecemos as particularidades do mundo objetivo, o que é uma tarefa eminentemente científica, teríamos cada vez maiores subsídios para a realização de sínteses que explicam o real em termos cada vez mais amplo, tarefa esta que caberia à filosofia. O pensamento vieirista nos mostra que com os avanços no campo das particularidades, a racionalidade da mesma maneira progride na direção da universalidade. Assim, com o desvelamento do particular sendo demonstrado, passa-se a ter um tipo de unificação do universal expandido por causa da descoberta do particular concreto. O pensamento vieirista realiza a construção do filosofar que se ocupa do ser social, que é atravessado por uma postura de crítica ontológica da totalidade dos modos de ser, imanentes ao pano de fundo de uma ontologia materialista de ordem dialética.

Para Vieira Pinto, o ser humano pode ser situado filosoficamente na condição de um ser que produz a sua própria existência, tendo em vista que a espécie humana participa do vagaroso processo evolutivo e passa a desenvolver a capacidade de representar o mundo em que está inserido na forma de ideias em sua consciência. Além disso, nesse mesmo processo de desenvolvimento da humanidade do ser humano, aparece a capacidade de enfrentar os desafios com os quais se defronta e de modificar tal mundo pela via do trabalho. Assim, para o filósofo fluminense, a categoria do trabalho se constitui como um movimento que conjuga a força transformadora da teoria e da práxis. Aqui o que se objetiva é expressar ontologicamente o dado de que é o agente humano quem produz a sua própria existência. Essa

⁹ VIEIRA PINTO, Álvaro, *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, 81.

percepção se coloca em contraposição à noção de que os demais seres vivos da natureza não produzem os elementos de sua subsistência, porém somente utiliza o que está diante de si, correndo o risco de sucumbirem em face da escassez. No caso da espécie humana, o agir é marcado pela capacidade de adaptar a natureza às suas necessidades para que ele possa sobreviver a partir de sua produção. Sendo assim, o agente humano, conforme Vieira Pinto, é “portanto, o autor e produtor de si mesmo, construindo-se realmente num ente original, diferenciado de todos os demais, incapazes de tal façanha”¹⁰. O filósofo fluminense pondera que o conceito de produção adquirir valor decisivo no entendimento do que seja a substância da vida humana e da totalidade de suas ações, incluindo aí a noção de que a ciência é a mais excelente dentre elas.

Se, em face da realidade e de suas leis objetivas, o ser humano só pode agir esbarrando diante de fatores naturais e sociais determinantes e que o colocam em movimento, desde outro ângulo, ele age como ser que produz a si mesmo, negando assim o destino fechado num determinismo mecanicista. Esta situação indica que o agente humano tem a liberdade de decidir as ações que executará em um dado momento histórico, levando em consideração os resultados que advém da utilização de conhecimentos, dentre os quais os científicos, para lograr os objetivos e fins previamente estabelecidos. A posição de Vieira Pinto está alinhada à tradição marxista que entende que o ser humano é um ser que em sua praxiologia reage à realidade objetiva, apreendendo os elementos que a compõem e modificando-os para construir as melhores ações efetivas possíveis para resolução de suas contradições. No pensar vieirista, o ser humano se encontra na condição de ser um animal que por natureza busca conhecer ontologicamente a vida, tendo em mente que somente assim torna-se possível revolucionar este real. A ciência figura, então, como o ápice da capacidade humana de conhecer a realidade para nela poder intervir.

Para Vieira Pinto, o ser humano, na busca por conhecer a natureza à sua volta com o objetivo de usar os seus predicados para satisfazer suas necessidades, desenvolve a pesquisa e, ato contínuo, a ciência. Com esse ímpeto investigativo, ele intencionalmente e inevitavelmente mantém uma relação originária com o mundo natural¹¹, ao qual pertence.

¹⁰ VIEIRA PINTO, Álvaro, *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, 56-57.

¹¹ Algo digno de nota, mas que não aprofundaremos neste trabalho, é que Vieira Pinto supera a clássica oposição estabelecida pelo pensamento ocidental entre ser humano e natureza, cultura e civilização. No pensamento do autor, tanto durante seu período isebiano (*Consciência e realidade nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b,

Joel Francisco Decothé Junior / Breno Augusto da Costa

Nesta perspectiva de intencionalidade e intervenção sobre o real, o humano se distingue dos demais seres vivos com seus instintos característicos. O filósofo fluminense assevera que o ser humano é este ente que tem a capacidade de adaptar-se ativa e interativamente ao processo dinâmico de evolução da natureza, fazendo isso ao adaptá-la às suas próprias necessidades existenciais. Contudo, torna-se um imperativo o ato de construção de uma epistemologia que vise conhecer as propriedades características dos corpos que constituem o mundo natural e posteriormente social e as leis que o regem.

Sendo assim, a maneira de o agente humano possuir tais conhecimentos será por meio da formulação de conceitos que advém dos dados científicos objetivos, para que assim desde tais ideias possa sistematizar a sua práxis projetiva projetando a mutação do real em que está imanentemente inserido no mundo natural. Entrementes, Vieira Pinto no oferece alguns traços fundamentais para a investigação no campo de sentidos do seu pensamento filosófico sobre esta temática de constituição de uma antropologia ontologia de ordem dialética: (i) o ser humano é um ente ativo em sua interação com o mundo natural no qual está inserido; (ii) o agir humano que intervém no mundo para modificá-lo é o ponto de partida ontológico e dialético que pode ser apreendido pelo uso da racionalidade humana; (iii) a metodologia de pesquisa pautada numa ontologia-dialética-materialista desvela a farsa da concepção de neutralidade na produção e no progresso da ciência.

A pesquisa de Vieira Pinto prossegue com o exame da noção de hominização. Seu intuito é levar a sério o importante processo histórico de antropologização como estrutura conceitual que procura elucidar de modo originário a fenomenalidade de produção humana da ciência, sendo tal definição copulada a conceituação de que esta tem sua fundamentação na situação existencial da vida humana. Desta maneira, o pensamento vieirista concerne a antropologização do humano desde o seu pano de fundo histórico, sendo algo que condiciona a ontologia humana em sua totalidade, isso, não apenas em termos de estruturação orgânica, mas também das interações materiais e mentalistas que o movimento processual da percepção efetivada a cada instante possibilita ocorrer. Esta postura teórica, parece dialogar com a percepção de Lukács, pois na visão do filósofo húngaro, os distintos fatos da vida social que

vol. I, p. 327 e segs.) quanto tardiamente (*O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, vol. I, p. 37 e segs.), a natureza é a realidade circunstante. O ser humano intervém nessa realidade a partir das leis e propriedades dela própria. E aquilo que ele produz através de sua modificação retornará a ela própria, como bens que constituem sua ambiência.

são pontos de desenvolvimento histórico, se coadunam como totalidade, que é o conhecer dos fatos que se tornam viáveis enquanto saber da realidade. Portanto, tal tipo de conhecimento parte das nuances determinantes que são simples, puras, imediatas e naturais, que caracterizam a busca do “conhecimento da totalidade concreta enquanto reprodução intelectual da realidade. Essa totalidade concreta não é de modo algum dada imediatamente ao pensamento”¹².

O filósofo fluminense, segundo Peloggia, coloca em jogo o dado de que “a historicidade da ciência é consequência da historicidade do método, mas esta, por sua vez, decorre da própria historicidade da razão”¹³. Logo, a ciência irá demonstrar de forma permanente a modalidade superior de apreensão ontológica da vitalidade da mente humana, que em cada período histórico foi sendo desenvolvida de forma produtiva e inserida numa ontologia dialética de ordem materialista. Enfim, a posição de Vieira Pinto acaba sustentando com robustez a necessidade, segundo Dantes e Schneider, de se “recorrer à dialética materialista para compreendermos a real natureza e todas as implicações históricas dessa então nascente ciência e, dentro dela, do conceito de informação”¹⁴. Vieira Pinto indica que o dado relevante de fato será “pensar a dialética no conteúdo dos acontecimentos e fenômenos”¹⁵.

3. O movimento ontológico da dialética como formas da consciência ingênua e crítica

Na filosofia de Vieira Pinto, a questão do desenvolvimento nacional e do humanismo científico ganham evidência, pois é a partir deste contexto que os conceitos de consciência ingênua e consciência crítica são forjados como critério conceitual fundamental para se compreender a funcionalidade de sua visão sobre o papel do pensamento ontológico da dialética das formas da consciência na transformação da realidade social, política e

¹² LUKÁCS, G., *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018), 76.

¹³ PELOGGIA, Alex, *Ciência, método e metodologia em Álvaro Vieira Pinto: Estudo da obra Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (São Paulo: São Paulo, 2001), 37.

¹⁴ Dantas Schneider, “Notas introdutórias ao materialismo dialético de Álvaro Vieira Pinto”. *Críticas ao vale de lágrimas: reflexões sobre Álvaro Vieira Pinto* (São Paulo: LF Editorial; Campina Grande, PB: EDUEPB, 2024), 43.

¹⁵ VIEIRA PINTO, Álvaro, *O conceito de tecnologia*. Vol. 2. 1. ed. (Rio de Janeiro: Contraponto, 2005), 140.

Joel Francisco Decothé Junior / Breno Augusto da Costa

histórica. Essas categorias filosóficas aparecem de forma central em sua obra *Consciência e Realidade Nacional*, publicada na década de 1960. A forma da consciência ingênua é aquela que aceita a realidade como dada, sem questionamentos profundos e enxerga o mundo como algo que seja fixo e imutável, ou seja, não reconhece que a realidade social e histórica seja criticamente construída pelos seres humanos e, portanto, passível de transformação.

A consciência ingênua reproduz os valores, as ideologias e as estruturas dominantes sem compreendê-las com base numa dialética fundamentada, e por isso termina por concretizar por um conformismo em face da ordem existente. A forma ingênua de pensamento viceja nas sociedades colonizadas, onde os indivíduos internalizam a noção de inferioridade, considerando como que natural a dependência e a subordinação cultural, econômica e política. Por conseguinte, essa consciência obstaculiza uma práxis libertadora, pois o agente humano não percebe seu papel na construção da nova realidade.

A consciência crítica, por sua vez, seria aquela que percebe os fatores e condições que determinam seu pensar. Ora, uma vez que estes não são outra coisa que não a realidade, física, mas sobretudo social, então a forma crítica de pensamento é capaz de abrir-se ao real e às suas diferentes expressões. Diferentemente da consciência ingênua, a consciência crítica tende à sistematização, o que foi trabalhado por Vieira Pinto em termos de um sistema categorial. Nele figura, por exemplo, a historicidade, pois a realidade não é dada, mas feita. Se eu a faço de um modo, existe igualmente a possibilidade de que seja feita de outro. A realidade deve ser percebida à luz da noção de historicidade como a categoria que expressa o modo como diferentes possibilidades humanas foram realizadas ou poderão ser realizadas historicamente. A realidade também é marcada pelo esforço humano de libertar-se, por isso ele sugere a categoria crítica de liberdade, e assim sucessivamente.

Vieira Pinto estava seguro de que a constituição e ação plena da consciência crítica dependeriam de certa mudança na malha econômica brasileira. Nessa perspectiva, o filósofo fluminense, estabelece dois traços importantes para a ocorrência de tal dinâmica: (i) o atraso nacional se manteria vigente enquanto o fator econômico não se modificasse até ao ponto de se modificar totalmente para exaurir o carcomido modelo econômico atrasado em operação; (ii) as relações de produção mais elevadas surgiriam da condição de produção acumulada do mundo do trabalho. Logo, a massa proletária estaria lidando com algo

planejado e não flertaria com a incerteza, mas bem pelo contrário, com processos que sejam familiarmente administráveis. Assim, temos uma relação entre a noção de desenvolvimento e consciência que desvela a implicação da dependência direita, pois a expansão de um aspecto implica na sua relação com o outro.

Para Vieira Pinto, a concretização da análise crítica da consciência envolve a noção de forma de trabalho, sendo que a coexistência da dialética dos modos de consciência estava presente nos países subdesenvolvidos. Logo, a noção de que o subdesenvolvimento precisava ser superado era seguido da perpetuação de contingentes amplos de miséria e pobreza pela posição ostentada pelo conservadorismo nacional. Portanto, a consciência é sempre marcada pela intencionalidade, a modalidade da consciência ingênua diz respeito a um agrupamento de ações que se referem ao atraso do tempo histórico em termos qualitativos no âmbito da industrialização e da expansão tecnológica no fluxo da malha social. Os entraves que dizem respeito à estagnação do fluxo de expansão da tecnologia operavam em termos minimalistas. A captação de tais fluxos de espraia para a esfera cultural e une-se a uma gama de impressões ontológicas que se desvelavam como a gênese totalizante de elucidação do todo. Isto é, como pondera Freitas “uma vez predominando o atraso, também predominava a tendência à absolutização das opiniões. A partir disso, qualquer avanço na ordem produtiva era visto com desconfiança”¹⁶. Para Vieira Pinto, a manifestação da consciência em sua forma cândida acaba reduzindo ontologicamente tudo a imediatez da impressão fugaz.

A condição limítrofe da consciência ingênua é a de se encerrar na frugalidade imediata dos fatos, sendo algo que se distingue da consciência crítica, que é marcada pela força aberta do processo. Vieira Pinto entende que a consciência ingênua se isola da razão suprimindo a prática da comunicação, tendo em mente que a linguagem que a consciência ingênua se manifesta pode ser atravessada por um déficit de robustez semântica e pelo rigor literário que são duas vias de incapacidade de se exprimir de maneira crítica. A consciência ingênua não promove a mudança estrutural da sociedade e nega a urgência das transformações dialéticas e ontológicas das injustiças irracionais praticadas na vida em sociedade. A consciência ingênua ao fomentar a reprodução mimética das ações no mundo da vida, dificultava o uso da consciência crítica que desaguou em aspectos fundamentais. Entre esses

¹⁶ FREITAS, Marcos, *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. (São Paulo: Cortez, 1998), 102.

aspectos, temos a questão de se utilizar categorias inadequadas para fazer a elucidação da realidade nacional e o de realizar uma análise que visasse inflamar as posições divergentes. Para o filósofo fluminense, tal dualismo era uma posição meramente moralista, pequeno-burguesa e marcada por uma ingenuidade gnóstica dualista, em que as demandas da vida material são obscurecidas pela luta alienante com base em metáforas abstratas.

Esta alienação abstracionista da consciência ingênua objetiva a supressão pontual da liberdade com o intuito de melhor organizar a vida em sociedade. Aqui a liberdade é compreendida como o resultado peremptório da aglutinação de poder, agindo assim em contraposição a liberdade plena imanente aos processos de deliberativos da vida em sociedade. Para Vieira Pinto, a massa não era a negação da identidade da pessoa humana, a individualidade ativa de cada pessoa compunha a massa em sua ação das reais lutas reivindicatórias diante do sistema governamental. A noção de massa no pensamento do filósofo fluminense não necessariamente se constitui como algo que seja encarado com desprezo. A massa para Vieira Pinto não era reduzida a lógica da cooptação carismática do líder, pois se assim fosse o compromisso com a tradição seria a consequência imediata de tal desprezo do protagonismo do povo. Segundo o filósofo fluminense a superação do subdesenvolvimento causaria a ruptura desse processo, reduzindo a disparidade, fazendo com que o desprezo pela massa se torne a vanguarda e o protagonismo histórico transformador do real pelo povo.

O pensamento vieirista herda a tese marxiana de que todo e qualquer problema enfrentado pelo ser humano é marcado por uma possível solução de ordem histórica. Cabe frisar que, conforme expõe Freitas, determinadas soluções “só poderiam ser parciais uma vez que tudo no mundo subdesenvolvido era revestido de provisoriedade”¹⁷. Assim, os diferentes países têm potencialidades mais ou menos desenvolvidas para proporcionar trabalho ao seu povo. As condições em que se exerce o trabalho, portanto, podem ser mais robustas ou então mitigadas. Vieira Pinto não adota uma teleologia determinista. Mesmo que o subdesenvolvimento seja extirpado da história, o acento na densidade da emancipação humana coloca o futuro num horizonte de indeterminação. O filósofo fluminense tinha como intenção maior a promoção da autonomia da vida humana no percurso da experiência

¹⁷ FREITAS, Marcos, *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*, 103.

histórica. Portanto, pensava que a intransigência em torno da assunção determinística de movimentos transformadores na história era algo próprio da consciência ingênua, dado que cabe ao agente humano aprender mais do que ensinar na esfera da vida histórica.

A percepção de Vieira Pinto sobre a pobreza será formulada a partir da noção de autenticidade da luta pela sobrevivência dos trabalhadores e das trabalhadoras. Emerge desta situação de pobreza a consciência crítica, que se contrapõe ontologicamente e dialeticamente à consciência ingênua, sendo o caso de o agente humano estabelecer o contato como parte inerente da lógica operativa das forças materiais. O trabalho é a ressonância máxima de si mesmo e o meio através do qual o ser humano constitui-se como humano. Como argumenta Freitas, o humano “dissolve o seu próprio ser nas ações que efetua assumindo a identidade das forças físicas que manipula. Porém, como retira sua sobrevivência nessas circunstâncias, ao imaginar melhorar suas condições de vida é no trabalho que põe suas expectativas”¹⁸. Ora, a constelação de reivindicações orienta-se pela luta por reconhecimento do valor de seus esforços laborais. Assim, recaem em engano quem oferece saídas idealistas para as lutas da classe trabalhadora.

Para Vieira Pinto, as soluções para o problema da sobrevivência da classe trabalhadora advindas da consciência ingênua são mistificadas. As pessoas desprezadas poderiam desde a sua vida subjetiva encarar seus problemas e assim superar as suas mazelas sociais, mesmo que não tivessem consciência plena do problema do desequilíbrio social. Por essa razão, tais camadas de pessoas não observam as convenções sociais garantidas pelos contratos, mesmo que tenham uma sutil intuição dessas condições. Vieira Pinto entende que para a consciência ingênua a meta ou a atitude mais cômoda é se afastar das crises, e nessa perspectiva Roux dizendo que as “crises são um desvio da racionalidade – e da moralidade – e não o resultado de um germinar lento e incessante de problemas acumulados ou da aquisição gradativa da consciência política”¹⁹. A partir disso, inferimos que as questões da organização popular e sua insurreição, e de qual seja o papel ativo de intelectuais na tarefa na análise da história das categorias decisórias de sua configuração entre as massas, é que emerge dialeticamente o tópico ontológico importante na filosofia de Vieira Pinto que é o da consciência crítica.

¹⁸ FREITAS, Marcos, *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*, 105.

¹⁹ ROUX, Jorge, *Álvaro Vieira Pinto: nacionalismo e terceiro mundo*. (São Paulo: Cortez, 1990), 98.

Joel Francisco Decothé Junior / Breno Augusto da Costa

A consciência crítica, numa postura diametralmente oposta à ingênua, reconhece a realidade como uma construção histórica e social, fruto da ação humana. Questiona as estruturas sociais e os valores impostos em razão de ser capaz de pensar a partir de sua própria realidade nacional, rompendo com a dependência cultural em relação ao pensamento estrangeiro e colonial. Visa à emancipação do agente humano, tornando-o agente da transformação da sociedade. Esta visão está ligada ao que Vieira Pinto chama de filosofia da libertação, pois busca fazer uma ontologia do pensamento nacional que visa construir uma visão de mundo enraizada na realidade brasileira e latino-americana. No contexto global dos anos sessenta, marcado pela descolonização africana e asiática e pelas então recentes revoluções Chinesa, de 1949 e, com ainda mais impacto no período, a Cubana, de 1962, o Brasil não passou incólume. Conforme o ímpeto reformista político se adensava e era vislumbrada a possibilidade de se chegar à irrupção de uma insurgência nacional, esta circunstância estava no foco de atenção de Vieira Pinto. Ele, então, estava atento tanto às possibilidades de libertação e progresso quanto de opressão e pauperismo. Para o filósofo fluminense, embora a forma da consciência crítica tivesse um terreno fértil nesse contexto para promover a emancipação dos agentes humanos, havia sempre o risco da ofensiva da consciência ingênua. Não era de se descartar o risco de a forma ontológica da consciência ingênua efetivar materialmente a perspectiva de um projeto nacional a ser colocado em curso na história da nação. Este projeto culminou, diga-se de passagem, em um Golpe imperialista-militar em 1964, que resultou na domesticação geopolítica do Brasil e, por fim, na supressão do desenvolvimento nacional-libertador de Vieira Pinto e do Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

O traço de identificação do pensamento forjado pela consciência crítica na ontologia dialética de Vieira Pinto, se reverte num compromisso com as massas populares e com os movimentos culturais e de educação. A concepção de consciência crítica comporta o entendimento performativo de que a agência humana busca, por meio da ação social, os processos de transformação. A categoria do trabalho para a massa trabalhadora será, então, segundo Freitas “o pensar sobre o mundo, e que o ato de trabalhar, em si, já podia dar origem ao projeto de alteração da sociedade envolvente. O que o animava era a certeza de que os trabalhadores já possuíam uma postura crítica que ele considerava fundamental – a percepção

de si²⁰. A emergência de se estabelecer uma luta incessante contra o que mantém o contingente das massas trancafiadas em tradições que são instrumentos de perpetuação do pauperismo nacional é uma tarefa inadiável. Sendo assim, a forma ontológica da consciência crítica, dialeticamente age como aliada da força industrial em sua intervenção material como sendo o centro das possíveis transformações sociais nacionais. A postura da forma ontológica da consciência crítica é a de estar pensando desde si mesma o mundo ao qual ela está inserida em sua imanência. Diferentemente das massas populares, as elites parasitárias da nação permanecem enjauladas na forma ontológica da consciência ingênua, isso em razão de não manusearem nada de produtivo no mundo.

Diante deste dilema, Vieira Pinto procurou fundamentar filosoficamente a condição epistêmica do trabalhador e da trabalhadora, pois manusear as coisas do mundo os colocava em uma condição ímpar para viverem a experiência de exercer a forma ontológica ativa da consciência crítica. Para tanto, o filósofo fluminense metodologicamente recorre ao aspecto da filosofia da história que se reverte em sua noção de empirio-historicismo, que se mostra na ideia de que a história do povo trabalhador é a história de tudo aquilo que esse contingente de pessoas realiza no tempo. A ontologia dialética das formas da consciência de Vieira Pinto se funda numa compreensão indutiva da história, pois ele parte da natureza experiencial dos evolutivos eventos temporais. Para Vieira Pinto, o trabalho é o fator que nos mostra a capacidade humana de seguir ultrapassando as defasagens das sucessivas etapas na totalidade dos processos civilizatórios. O pano de fundo desse cenário é marcado pela presença ativa das formas ontológicas da consciência que de maneira objetiva tem condições de dinamiza-lo ou de torná-lo moroso, tudo dependerá da adoção e uso de sua forma crítica ou ingênua. Segundo o filósofo fluminense, o processo de desenvolvimento nacional seria obra dos esforços de um projeto efetivado pela comunidade, sendo algo que irrompe desde a forma da consciência crítica que antevê de forma ideal o que venham a ser o futuro.

Este projeto tem a potencialidade de deslocar diversas atividades na imanência histórica por meio do trabalho humano que busca concretizar as ações necessárias para atingir tais ideais e assim transformar concretamente a realidade. Logo, a forma ontológica da consciência crítica é aquela que conduz a verdade, isto é, aquela que como articulam Costa e

²⁰ FREITAS, Marcos, *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*, 106.

Martins possibilita que a tarefa de abarcar o fenômeno, e a busca por entender o fato ou objeto seja “estudado se refere em sua totalidade conectiva, implicando sistemas superiores e mais gerais até a implicação de todo o processo real. A dialética, sendo a ciência do real, é a atitude lógica que fundamenta as asserções e o pensar da consciência crítica”²¹. Portanto, para Vieira Pinto, a consciência crítica nos dá ciência de que a noção de dependência funciona para repelir a ingenuidade da consciência, pois assim desperta o predicado cômico da crítica em razão de ser “uma consciência permanentemente atenta em denunciar as influências a que está submetida e criticá-las”²².

Considerações finais

O exame da concepção dialética de Álvaro Vieira Pinto abre-nos uma série de linhas investigativas, englobando desde a formação de seu pensamento, sua genealogia filosófica, suas fontes e antecedentes, o contraste com outras concepções de dialética até a pesquisa a respeito das relações entre dialética e outras disciplinas filosóficas. Neste trabalho, enfatizamos este último ramo, tratando, sobretudo, das relações entre ela e a filosofia da ciência. A prática científica é interpretada pelo autor à luz do fato histórico-existencial de que, tendo em vista sua sobrevivência, o ser humano deve conhecer sua realidade para nela melhor intervir. Se, por um lado, historicamente esta sobrevivência se via ameaçada pela contradição entre ser humano e as forças naturais; por outro, hoje majoritariamente o ser humano deve enfrentar contradições sociais.

O potencial da dialética vieirista para a formação de cientistas merece ser melhor explorado, porém a teoria da consciência do autor, fundada na distinção entre consciência ingênua e consciência crítica; sua concepção da relação entre ciência e filosofia, e das tarefas distintas de ambas; e a compreensão da relevância da meditação a respeito da categoria de contradição e de sua manifestação na prática científica; todos esses constituem o cerne da contribuição vieirista.

²¹ COSTA, Breno; MARTINS, Adriano. “Lógica Dialética e Educação: um Estudo Introdutório a Partir do Pensamento de Álvaro Vieira Pinto”. 2019. In: Educação e Pesquisa 45 (maio): e188483. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945188483>, 8.

²² VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional: volume I: a consciência ingênua*. 1. ed. (Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b), 89.

Em particular, ainda em torno da teoria de consciência de Álvaro Vieira Pinto, desejamos salientar a relevância de se distinguir as formas de consciência não apenas em relação à criticidade, que trata da oposição entre consciência crítica *versus* consciência ingênua, mas também em relação ao seu esclarecimento, que distingue consciência esclarecida *versus* consciência não esclarecida. Vieira Pinto nos oferece um referencial conceitual e tético sólido e fecundo para a compreensão crítica de diferentes questões que defrontamos na atualidade, como o negacionismo e a ascensão, na cena cultural esclarecida, de diferentes expoentes e forças extra-acadêmicos que são tanto críticos quanto criticados pela academia hegemônica.

Referências

COSTA, Breno; MARTINS, Adriano. “Lógica dialética E educação: Um Estudo introdutório a Partir Do Pensamento De Álvaro Vieira Pinto”. 2019. In: *Educação E Pesquisa* 45 (maio): e188483. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945188483>.

DANTAS; SCHNEIDER. Notas introdutórias ao materialismo dialético de Álvaro Vieira Pinto. In: *Críticas ao valor de lágrimas: reflexões sobre Álvaro Vieira Pinto / organização Dauto João da Silveira*. São Paulo: LF Editorial; Campina Grande, PB: EDUEPB, 2024.

FREITAS, Marcos Cezar de. Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Tradução Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jannini. 3ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018

PELOGGIA, Alex Ubiratan Goossens. *Ciência, método e metodologia em Álvaro Vieira Pinto: Estudo da obra “Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica”*. 2001. Monografia (Curso de Especialização em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RÖD, Wolfgang. *Filosofia dialética moderna*. Trad. De Maria Cecília Marangoni de Carvalho e Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

ROUX, Jorge, *Álvaro Vieira Pinto: nacionalismo e terceiro mundo*. (São Paulo: Cortez, 1990).

Joel Francisco Decothé Junior / Breno Augusto da Costa

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *O conceito de tecnologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.